



**XI CONGRESSO DA SOCIEDADE PAULISTA DE  
PARASITOLOGIA**  
**“Parasitologia Translacional: Da Pesquisa Básica a Saúde Pública”**  
**10 a 12 de abril de 2026 – São Paulo (SP)**

**EVOLUÇÃO DA DOENÇA DE CHAGAS NO BRASIL: Uma Perspectiva Ecológica de  
Contaminação e Patogenia**

Diego Pereira de Faria Vieira<sup>1\*</sup>; Matheus Fernandes Silva<sup>1</sup>; Matheus Diniz Gonçalves Coelho<sup>1</sup>; Kauê Alberto Pereira<sup>1</sup>; Júlia Wachtler Silveira<sup>1</sup>; Heloisa Helena Pires de Macedo Pelegrina<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Universitário FUNVIC (UniFUNVIC), Pindamonhangaba, Brasil.

\*Autor correspondente: [diegopfveira@gmail.com](mailto:diegopfveira@gmail.com)

A doença de Chagas, causada pelo protozoário hemoflagelado *Trypanosoma cruzi*, constitui uma endemia parasitária complexa que envolve insetos vetores triatomíneos, reservatórios naturais e hospedeiros humanos, configurando um sistema ecológico multifatorial de transmissão. Historicamente caracterizada pela transmissão vetorial rural mediada primordialmente pelo *Triatoma infestans*, a epidemiologia da doença sofreu uma transformação ecológica profunda nas últimas décadas. Atualmente, entre 1,1 a 4,6 milhões de brasileiros encontram-se infectados pelo parasita. A patogênica do *T. cruzi* envolve mecanismos sofisticados de evasão imunológica, invasão celular, replicação intracelular e inflação crônica persistente, resultando em manifestações clínicas que variam desde formas indeterminadas assintomáticas até cardiomiopatia severa com comprometimento miocárdico irrevogável. A transmissão oral emergiu como o principal mecanismo de infecção aguda, respondendo por 84,1% dos casos notificados entre 2014-2023, particularmente na região Amazônica através de alimentos contaminados como açaí e caldo de cana. Simultaneamente, a transmissão congênita tornou-se epidemiologicamente relevante em centros urbanos, com taxa de transmissão vertical de 1-2%. A contaminação ambiental por *T. cruzi* ocorre através de múltiplas rotas ecológicas distintas: contaminação fecal de alimentos por insetos vetores infectados, persistência do parasita em reservatórios silvestres (marsupiais, roedores, tatus), contaminação de ambientes peridomiciliares e transmissão transfusional residual. O desmatamento acelerado e mudanças climáticas globais impulsionam a domiciliação de espécies vetoras silvestres como *Rhodnius prolixus* e *Panstrongylus megistus*, expandindo os nichos ecológicos de transmissão. Trinta a quarenta por cento dos infectados evoluem para a forma crônica determinada com manifestações cardíacas, esofágicas ou cólicas graves. O controle bem-sucedido do *Triatoma infestans* em 2006, certificado pela OPAS, não eliminou a endemia, mas desencadeou uma mudança ecológica profunda na dinâmica de transmissão. Atualmente, menos de 10% dos infectados recebem diagnóstico laboratorial adequado e apenas 1% tem acesso ao tratamento tripanocida específico. Conclui-se que a evolução da doença de Chagas reflete uma reorganização ecológica complexa dos mecanismos de transmissão e contaminação ambiental,



## XI CONGRESSO DA SOCIEDADE PAULISTA DE PARASITOLOGIA

**“Parasitologia Translacional: Da Pesquisa Básica a Saúde Pública”**

**10 a 12 de abril de 2026 – São Paulo (SP)**

exigindo estratégias integradas de vigilância epidemiológica contínua, controle vetorial residual, regulação sanitária da cadeia alimentar, rastreamento pré-natal universal e acesso equitativo ao tratamento para atingir a meta de eliminação estipulada pela OMS até 2030.

***Palavras-chave: Doença de Chagas; Trypanosoma cruzi; Ecologia de Doenças.***